

Diferenciação do ensino na sala de aula

In: "Pensar avaliação, melhorar a aprendizagem"/IIE
Lisboa: IIE, 1994

A META...

Educar a criança como ser individual e social.

ALGUMAS EVIDÊNCIAS...

- .Cada criança emerge de mundos marcados por diferenças culturais sociais e económicas.
- .Cada ser tem um percurso de vida singular.
- .Cada criança tem o seu próprio ritmo de aprendizagem.
- .O saber é uma construção pessoal.
- . Os diferentes interesses e necessidades individuais exigem planificações adequadas.

O DESAFIO...

Diferenciar as situações, as condições e os processos de aprendizagem.

O CONTEXTO...

No início do ano lectivo, ao chegar à escola, deparei-me com uma turma de 3º ano do 1º ciclo com dezanove alunos, de idades compreendidas entre os oito e os doze anos.

O resultado da avaliação de diagnóstico mostrou que se podiam considerar dois subgrupos: um que dominava os saberes básicos que lhe permitiam responder às exigências do 3º ano (grupo A) e outro que apresentava lacunas que se impunha colmatar (grupo B). Neste segundo grupo estava a Gabriela, de onze anos, com dificuldades psicomotoras.

Esta apreciação foi confirmada pela leitura dos relatórios efectuados no final do ano anterior. A passagem destas crianças tinha sido decidida tendo em conta o seu nível etário. Acreditou-se que a repetência seria desmotivadora e que, com estratégias adequadas, haveria a hipótese de elas atingirem os níveis de desenvolvimento desejáveis.

Em algumas áreas foi possível trabalhar em simultâneo. Assim veio a acontecer com o Meio Físico e com algumas actividades de Língua Portuguesa, de Matemática e das áreas de Expressão.

Em Língua Portuguesa, por exemplo, todos os alunos foram implicados nas actividades de leitura e compreensão dos mesmos textos. Mas, para que os alunos com mais dificuldades não se sentissem desencorajados pelo facto de não terem nesses domínios o mesmo desempenho que os companheiros, foram utilizados alternadamente, até meio do ano, os livros dos terceiro e segundo anos. Eu própria procurei fazer perguntas mais difíceis aos alunos com menores dificuldades e perguntas mais fáceis aos outros para que todos pudessem participar activa e positivamente na aula. Esta estratégia facilitou a entreajuda, na medida em que os alunos do grupo A, ao apoiarem os alunos do grupo B na leitura e na compreensão do texto, foram confrontados com as suas próprias dificuldades e tiveram de encontrar formas de as ultrapassar, recorrendo, por vezes, ao meu auxílio.

Em Matemática, quando se iniciavam novos conteúdos, as actividades propostas eram as mesmas para a turma toda. À medida que as dificuldades iam surgindo avançava-se, em função delas, para a diferenciação de tarefas.

A GESTÃO DO PROGRAMA...

Orientada pelos objectivos propostos no programa, considerando as crianças com quem ia trabalhar, com as suas potencialidades e saberes adquiridos, dentro e fora da escola, o tempo de que dispunha e todos os recursos e limites do meio onde a escola se inseria, comecei por prever uma distribuição de conteúdos para cada mês.

Fizemos, em diálogo com os alunos, uma planificação para duas semanas onde explicitámos os objectivos que cada um deveria atingir, as actividades a realizar, o material necessário à sua concretização, as formas de avaliação a desenvolver. Esta planificação quinzenal deu origem a outras, diárias, mais pormenorizadas e mais favoráveis à regulação das aprendizagens, uma vez que permitiam a minha *intervenção a cada momento*, sempre que as dificuldades iam surgindo.

O ROTEIRO DE TRABALHO

Do plano da segunda quinzena de Outubro, na área do Meio Físico, constava o tema "A habitação". No final da quinzena, o grupo A procuraria saber identificar diferentes tipos de habitação e mostrar como ela tinha evoluído, relacionar a população, e o clima, com o tipo de habitação. O grupo B tentaria enumerar as profissões relacionadas com a construção, identificar as condições de habitabilidade e relacionar o clima com o tipo de habitação. Só este último objectivo era comum aos dois grupos.

Em Língua Portuguesa, ao grupo A, eram propostas actividades de leitura expressiva, de escrita de textos com frases correctamente construídas, de identificação e classificação de nomes (substantivos). Pretendia-se que o grupo B lesse com fluidez e escrevesse frases com correcção ortográfica. Os dois grupos fixariam o vocabulário em estudo e compreenderiam mensagens orais.

Na Matemática, o grupo A deveria saber relacionar a divisão com a multiplicação, calcular mentalmente o quociente da divisão quando o dividendo e o divisor têm um só algarismo; o grupo B deveria utilizar a noção de dobro e de triplo; ambos os grupos calcular a metade e a terça parte de um todo e identificar ângulos.

A diferenciação foi igualmente prevista na planificação das outras áreas curriculares sempre que considere a desvantagem do ensino colectivo.

DAS INTENÇÕES À ACÇÃO

No primeiro dia da quinzena aconteceu assim:

Era segunda feira. As mesas estavam dispostas em U. No centro, outras duas mesas formavam um quadrado. Havia rotinas a cumprir: preencher o quadro semanal das tarefas, escrever a data, o nome, registar a temperatura marcada pelo termómetro e copiar o plano para o dia no canto superior esquerdo do quadro preto.

O diálogo sobre o fim de semana permitiu a entrada no tema “A habitação”. Reviram-se as funções da habitação, as fases de construção, os materiais e, com o apoio das imagens do livro e de postais seleccionados para o efeito, os alunos iniciaram uma reflexão sobre a influência do clima na escolha dos materiais de construção, do formato dos telhados, das cores das casas, etc.

Na sequência desta actividade preparámos uma experiência que consistiu em expor ao sol, no parapeito da janela, duas latas com água: uma pintada de branco outra de preto, para verificar a influência das cores na variação de temperatura.

Após o recreio iniciámos a actividade de leitura e trabalhámos o texto “ No Bairro Mil-flores” que foi lido em diálogo. Depois fizeram-se perguntas de compreensão do que se leu, tendo sido as mais complexas dirigidas aos alunos do grupo A. No momento de passar à reflexão sobre o “funcionamento da língua”, diferenciaram-se as tarefas. O grupo A identificou nomes (substantivos). O grupo B procurou no texto palavras como **clima** ou outras em que existem sequências de consoantes e transcreveu-as para o caderno. A Gabriela, a criança com dificuldades motoras, recortou as letras necessárias à construção de algumas dessas palavras.

Faltavam ainda quinze minutos para o almoço. O grupo A preencheu uma ficha de avaliação do trabalho realizado e o grupo B trabalhou comigo os vocábulos registados.

À tarde, consultado o plano inicialmente registado, verificámos que era altura de se iniciar o estudo dos ângulos. A imagem de uma casa foi o ponto de partida. Depois, a concretização fez-se pelo “jogo dos ângulos”. Os alunos afastaram as mesas e começaram a circular livremente ao som de batimentos ritmados. A cada mudança de ritmo paravam, constituíam grupos e, de acordo com as minhas indicações, iam formando os vários ângulos. Entretanto, fui escrevendo no quadro as conclusões que iam tirando e que foram mais tarde registadas nos cadernos.

Na sequência das actividades previstas na área da Matemática, cada grupo resolveu exercícios com operações aritméticas de diferente grau de dificuldade. A Gabriela resolveu operações manipulando materiais que a ajudaram a concretizar.

À medida que acabavam os trabalhos, as crianças iam-se dirigindo para os diversos “cantos” da sala onde, respeitando o número de alunos por canto previamente combinado e afixado no local, podiam optar por actividades diferenciadas. Eram as actividades livres: leitura no “canto” da biblioteca, construção de frases no quadro magnético, preenchimento de fichas de autocorreção de Língua Portuguesa e de Matemática, desenho livre, recorte e colagem, jogos.

Por vezes, eram por mim encaminhadas para os “cantos” de acordo com as necessidades identificadas.

Havia também alunos que deviam realizar algumas tarefas “obrigatórias”, constantes do quadro semanal de tarefas: a Marta foi preencher o quadro do Boletim Meteorológico e o Luís o das presenças.

De repente dei-me conta de que todos os “cantos” da sala estavam ocupados. Não havia ninguém nos *seus lugares*. Significava isto que todos tinham concluído as tarefas propostas e que podíamos orientar-nos noutros sentidos.

Faltava meia hora para a saída. A Gabriela lembrou a experiência das latas pintadas. Fomos buscá-las e cada criança mergulhou os dedos na água que elas continham. O que observámos? Havia que registar o resultado das observações, primeiro numa folha para o dossier, depois nos cadernos individuais. O António, responsável pelo álbum do Meio Físico, arquivou nele a folha preenchida e guardou-o no armário.

É tempo de cada um considerar o trabalho que realizou. A responsabilidade de registar a avaliação dos progressos alcançados nas diferentes tarefas cabe a todos. Cada um arquivou no seu dossier a ficha de autoavaliação depois de preenchida. Mais tarde será possível reconstituir o percurso individual, consultando os registos.

Mais ainda: numa folha de papel de cenário, afixada na parede, alguns alunos registaram os acontecimentos e as impressões do que consideraram mais significativo. No fim da semana estes registos serão a base do balanço a realizar em assembleia de turma.

Por fim, cumprindo cada um as responsabilidades que lhe estavam atribuídas, arrumámos o material e a sala. As crianças registaram o trabalho que deviam fazer em casa: “Escrever um pequeno texto sobre a experiência realizada”.

SUGESTÃO DE ACTIVIDADE

Procure relatar por escrito e em pormenor um dia de trabalho. Em seguida tente reflectir criticamente sobre a actividade realizada, tendo em conta a importância de diferenciar as situações de ensino-aprendizagem.

Coordenador do Projecto: Domingos Fernandes

Autores: Maria José Ferraz, Alda Carvalho, Conceição Dantas, Helena Cavaco, João Barbosa, Lourenço Tourais, Natividade Neves